



Some 45 years ago – when I was a graduate student doing research at the University of California – I discovered a copy of an old pamphlet at the Longshoremen’s Library in San Francisco. The pamphlet told the story of a terrible explosion in 1944 at a Navy base not far north of San Francisco, named Port Chicago. Hundreds of young sailors were killed in the explosion, most of them African Americans. Many black survivors refused to go back to work. In effect, they called a strike against manifestly unsafe working conditions. They were charged with mutiny, which is a capital offense. They could be the last casualties of the Port Chicago explosion.

At that time the Port Chicago Navy Base (just north of San Francisco) like all other U.S. Navy facilities, was racially segregated. All the officers were white. All the young sailors actually handling bombs and ammunition were African American males. These men were crucial in loading thousands of tons of ammunition and bombs onto transport ships to help defeat the enemy overseas. The work the black sailors were doing was just as hard and dangerous as anything they might encounter overseas.

The lives of the black sailors mattered, and they showed the loyalty of black Americans despite the discrimination and mistreatment they encountered in the Navy and U.S. society in general. Ironically, black lives mattered also because they challenged white America to envision a greater society of equality and fair treatment for all citizens. Yet, the system of racism and discrimination is maintained by the ruling class (mainly “white”) because social/racial division facilitates social and economic exploitation. The social function of “white privilege” is to make all those peopleⁱ classified as “white” potentially complicit in anti-black racism, and thus hostile to African Americans

In my years of working with Port Chicago survivors and supporters it has become evident that the experience of the shared tragedy induced a sense of shared humanity among many of the survivors, whites as well as blacks. But the question remains: Why did it take a terrible tragedy to affirm a sense of shared humanity? This was not the first time it has happened, and it wouldn’t be the last. As a political sociologist and an African American raised in the U.S. South during the era of legal racial segregation, questions such as this were at the core of my interests.

Every year, on July 17th, we gather to remember all of those who died at Port Chicago as well as those who were unjustly convicted of mutiny and imprisoned. Under pressure from civil rights attorney Thurgood Marshall and his organization, the NAACP, the men were released from prison but their convictions have not been overturned. Black lives do matter but black lives are still not valued in a racist society. In fact we are witnessing the resurgence of murderous racist attacks on African

Americans and other people of color. Clearly, the struggle against racism is far from over -- until such time as we can rebalance the scales of justice and build a society in which all lives do matter and all lives are valued equally.

8/5/20

Há 45 anos atrás - quando eu era estudante de pós-graduação fazendo pesquisas na Universidade da Califórnia, descobri uma cópia de um panfleto antigo na *Longshoremen's Library* em San Francisco. O panfleto contava a história de uma terrível explosão em 1944, na base da Naval mais ou menos ao norte de São Francisco, chamada Porto Chicago. Centenas de jovens marinheiros foram mortos na explosão, a maioria deles afro-americanos. Muitos sobreviventes negros se recusaram a voltar ao trabalho (após o acidente)¹. Mediante o ocorrido, eles fizeram uma greve contra as condições de trabalho, manifestamente inseguras. Eles foram acusados de motim, que é considerado uma ofensa capital. Estas poderiam ser as últimas baixas da explosão de Porto Chicago.

Naquela época, a Base da Marinha de Porto Chicago (ao norte de San Francisco), como todas as outras instalações da Marinha dos EUA, eram racialmente segregadas. Todos os oficiais eram brancos. Todos os jovens marinheiros que manejavam as bombas e as munições eram afro-americanos. Esses homens eram essenciais para transportarem milhares de toneladas de bombas aos navios que transportavam munições para ajudar a derrotar o inimigo no exterior. O trabalho que os marinheiros negros estavam fazendo era

¹ Acréscimo da tradutora
Rile – Revista Interdisciplinar
De Literatura e Ecocrítica

tão difícil e perigoso quanto qualquer coisa que eles pudessem encontrar na frente de batalha no exterior.

A vida dos marinheiros negros era importante e eles demonstravam a lealdade dos negros americanos, apesar da discriminação e maus-tratos que encontraram na Marinha e na sociedade americana em geral. Ironicamente, as vidas negras também eram importantes porque desafiavam a América branca a imaginar uma sociedade maior de igualdade e tratamento justo para todos os cidadãos. No entanto, o sistema de racismo e discriminação é mantido pela classe dominante (principalmente “branca”) porque a divisão social / racial facilita a exploração social e econômica. A função social do “privilegio dos brancos” é tornar todas as pessoas classificadas como “brancas” potencialmente cúmplices do racismo anti-negro e, portanto, hostis aos afro-americanos

Nos meus anos de trabalho com os sobreviventes e apoiadores de Port Chicago, tornou-se evidente que a experiência da tragédia compartilhada induziu um senso de humanidade compartilhada entre muitos dos sobreviventes, brancos e negros. Mas a pergunta permanece: por que foi necessária uma terrível tragédia para afirmar um senso de humanidade compartilhada? Não foi a primeira vez que aconteceu e não seria a última. Como sociólogo político e afro-americano criado no sul dos EUA durante a era da segregação racial legal, questões como essa estavam no centro dos meus interesses.

Todos os anos, em 17 de julho, nos reunimos para lembrar todos aqueles que morreram em Port Chicago, bem como aqueles que foram injustamente condenados por motins e presos. Sob pressão do advogado de direitos civis Thurgood Marshall e sua organização, a NAACP, os homens foram libertados da prisão, mas suas condenações não foram

revertidas. Vidas negras são importantes, mas vidas negras ainda não são valorizadas em uma sociedade racista. De fato, estamos testemunhando o ressurgimento de ataques racistas assassinos contra afro-americanos e outras pessoas de cor. Claramente, a luta contra o racismo está longe de terminar - até um momento em que possamos reequilibrar a balança da justiça e construir uma sociedade na qual todas as vidas importam e todas as vidas sejam valorizadas igualmente.

ⁱ Robert L. Allen is an author or an editor of ten books, including *Black Awakening in Capitalist America* and *The Port Chicago Mutiny*. A graduate of Morehouse College in Atlanta, he holds a Ph.D. from the University of California. For many years he was na editor of *The Black Scholar* journal in San Francisco. Most of his teaching career has been in the African American Studies Department and the Ethnic Studies Department at the University of California, Berkeley.